

93. Das 19 mortes no Oiapoque 14 são de indígenas

Priscila Barbosa de Freitas

Saudações a todos, eu me chamo Priscila Barbosa de Freitas, sou do povo Karipuna, da região do Rio Oiapoque, graduanda no Curso de Direito na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Binacional de Oiapoque. Minhas afetuosas condolências a todas as famílias que perderam seus entes queridos nesse período de pandemia. Meus sinceros agradecimentos a todos os parceiros que contribuíram de forma direta e indireta para o atendimento básico à saúde nas comunidades indígenas.

O PET-Indígena foi um desses parceiros, muitas vezes eu recorri aos relatos dos parentes que foram publicados pelo PET-Indígena para justificar os pedidos para as instituições governamentais e não governamentais, para que levassem o atendimento às comunidades indígenas. Quando eles falavam que as comunidades estavam sendo assistidas com medicamentos, que tinha profissional de saúde, que nós estávamos bem, que o que estávamos pedindo eles já tinham mandando, nesses momentos nós recorremos ao PET-Indígena através dos relatos, nós recorriamos às lideranças de base, aos caciques, aos relatos deles, nós mostrávamos as cartas que eram encaminhadas para a gente. O PET-Indígena contribuiu muito nisso, na visibilidade da situação nas aldeias, muito mesmo!

Das 19 mortes no município do Oiapoque 14 são de indígenas, e isso nos assusta. Nós, como Movimento Indígena, buscamos o melhor para os atendimentos de saúde, com medicamentos, com recursos humanos, com profissionais de saúde, cestas básicas, entre outros. Solicitávamos, fazíamos pedidos, justificávamos, cobrávamos do Estado. É dever dele, do Estado, atender às comunidade indígenas! Fizemos tudo da melhor forma que poderíamos, mas mesmo assim não foi suficiente, muitos morreram!

Nós também tivemos perdas próximas, de quem estava na linha de frente, perdemos muito, mas mesmo assim, com as dores do luto de nossos familiares, nós continuamos lutando. É como se a nossa tristeza se transformasse em força, pedimos muita ajuda dos nossos *Karuãnas* e de Deus para continuar, sabedoria para ajudar as comunidades. Quando o pico da COVID-19 diminuiu nas nossas comunidades fomos notando as sequelas, muitas delas são psicológicas, e também o agravamento de outras doenças. Está nítido que o Estado não oferece

condições adequadas a esse atendimento à saúde, nem para os povos indígenas e nem para a comunidade local aqui do município de Oiapoque, o caos é geral.

No meio desse caos nós buscamos a nossa medicina tradicional, nossos conhecimentos medicinais. Eles contribuíram muito para que não tivéssemos mais perdas e a COVID-19 não se agravasse mais dentro das comunidades. Quando adoeci, eu recebi os remédios vindo das comunidades e eu agradeço a quem mandou, as pessoas que mandaram para eu tomar. Sou do grupo de risco, passei muito mal quando fui contaminada com a COVID-19, tive que ser internada, mas usava muito a medicina tradicional, meus amigos mandavam receitas e eu fazia. Mesmo assim, pós COVID-19, ainda sinto sequelas ao respirar, tenho dificuldades com a comunicação e com a fala, eu me sinto muito cansada, e até hoje continuo fazendo uso dos chás, também comecei a plantar algumas espécies dessas plantas para que eu faça chá para eu tomar, eu aprendi muito nessa pandemia, nessa troca de conhecimentos da medicina tradicional.

Os problemas psicológicos pós COVID-19 são bastante comuns, principalmente na nossa região do rio Oiapoque, onde nós tivemos 4 óbitos da COVID-19. Lá, as aldeias são pequenas e há vários casos de pessoas com problemas psicológicos, com depressão. Nos preocupamos ainda mais porque o Distrito Sanitário Especial Indígena do Amapá e Norte do Pará não tem profissionais disponíveis. A COVID-19, para a gente, ainda é uma preocupação, apesar de ter diminuído nas comunidades, porém ainda é uma doença muito desconhecida. As pessoas estão voltando as suas vidas “normais”, como se a doença não oferecesse mais perigo para as suas vidas, mas nós sabemos que ainda existe perigo, e nós temos que tomar todos os cuidados, seguindo os protocolos e medidas de prevenção, precisamos continuar com as nossas normas de prevenção da COVID-19, porque se tiver uma segunda onda nós não estamos preparados para isso, nem um pouco!

Sentimos na pele que o Sistema de Saúde é muito fragilizado, principalmente nos atendimentos das comunidades indígenas. Então, se houver uma segunda onda, nós vamos perder mais vidas para a COVID-19. Por isso os cuidados têm que ser retomados dentro das comunidades, para ajudar nessas medidas de prevenção. Eu peço a todos que estão lendo esse relato que continuem tendo os cuidados necessários para a prevenção da COVID-19 dentro e fora das comunidades indígenas.

Essa pandemia nos deixou com muitas saudades das pessoas que nós amávamos, que nós amamos, eu sou uma que sente saudades. Aqui no Oiapoque quem me ajudava com

as crianças, quem todo dia ligava para saber como a gente estava, era a avó dos meus filhos. Eu acompanhei quando ela estava doente, levava as coisas para as comunidades indígenas e, quando retornava, ia vê-la, olhar ela. Até que um dia ela me ligou em um domingo, ela me mandou mensagem me pedindo que eu fosse lá, na casa dela, porque ela queria conversar comigo. Eu tinha que levar materiais de ajuda para a Aldeia Kunanã, avisei a ela que voltaria no mesmo dia e passaria em sua casa. Mas quando eu voltei, não consegui ir vê-la porque a minha avó estava doente, eu cuidava dos meus avós e dela, eram três, isso porque não tinha ninguém aqui no Oiapoque, era só eu, e eu me desdobrava. Eu fui vê-la às 11 horas da noite, foi só quando consegui ir em sua casa.

Quando cheguei e fui medir a pressão dela tomei um susto tão grande, eu vi que ela estava com falta de ar e a levei para o hospital. Chegando lá vimos que a saturação dela estava 80, levaram direto para a sala de oxigênio. Passamos dois dias para pedir a transferência dela e, depois de muita luta, conseguimos sua ida para Macapá, já intubada. Eu fui junto, eu acompanhei ela porque nós éramos muito amigas, muito mesmo! Todo momento eu dizia que iria trazer ela com vida, dizia para que ela não se preocupasse, que eu iria fazer tudo que eu podia para trazer ela com vida! Ela tinha muito medo de ser intubada, mas em Macapá, após quatro dias, ela não resistiu...

Para mim foi um choque muito grande, mesmo sabendo que o estado dela era muito grave. Eu tinha visto nos exames dela que o seu pulmão já estava 75% comprometido, ela era uma senhora, estava com diabetes, estava com a pressão descontrolada, os rins comprometidos... Mas eu não me conformava... Como eu iria falar isso com meus filhos? Quem me ajudava com as crianças era ela, sempre foi ela!

Hoje eu estou me readaptando, estou me reeducando sem ela, mas é muito difícil. Eu não apago as nossas mensagens pelo *whatsapp*, eu escuto, às vezes, as mensagens dela, os conselhos... mas é muito difícil... Também perdemos tios, meu pai esteve em estado grave também, aí é bem complicado, mas a gente segue. Quando eu vim fazer esse relato fazia tempo que eu não falava isso com ninguém, veio toda aquela tristeza de não poder fazer nada. Tu te doa para ajudar todo mundo, fazer pelas pessoas que tu não conhece, mas quando chega com a tua família, tu não consegue, por mais que tu faça, tu acha que nunca fez o possível... Eu me culpo muito ainda pela perda dos meus familiares, pela perda do meu tio, da minha sogra, que era minha amiga, eu me culpo todos os dias... Eu fico pensando, meu Deus, se eu tivesse feito isso, tivesse feito aquilo, talvez eles não teriam ido... a gente fica se

culpando... Obrigado por escutar meu relato, hoje consegui desabafar com o meu celular, parece uma terapia, o PET também é uma terapia...

Oiapoque, Amapá, Brasil

20 de agosto de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza